


TAHEREH MAFI

AUTORA DO FENÓMENO *SHATTER ME*



UM
REINO
DE
TRAIÇÕES

LIVRO 2

SECRET
SOCIETY



SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Abuso

Luto e perda

Morte

Rapto

Sangue e cenas gráficas

Tortura

Trauma

Violência



«Porque terá o destino concedido luxo
e regalias ao príncipe, para depois o abandonar
nas mãos dos seus cruéis executores?»

Os sábios sabem que não há justiça neste vale de lágrimas.»

Abolghasem Ferdowsi, *Shahnameh*





«Falem-me do meu fim.
Quando está escrito que deixarei este mundo?
Quem herdará o meu trono?»

Abolghasem Ferdowsi, *Shahnameh*





UM

یک

— Não! — gritou Kamran. — O fogo...
As palavras morreram-lhe na garganta.

Observou Alizeh a enfrentar as chamas que chegavam à altura das suas pernas com tanta incredulidade que acabou por se afundar no chão, com o mármore frio do pavimento a chegar-lhe através da seda rasgada das calças. Pelo menos, Kamran estava protegido por camadas pesadas de roupa e um arnês de joias; o fogo não conseguia devorá-lo depressa. Mas Alizeh... Alizeh estava coberta por pouco mais do que um suspiro, tão fino era o tecido do seu vestido.

O fogo vai arrancar-lhe a pele dos ossos.

Era nisso que ele pensava quando, de repente, ela atravessou as chamas sem receio, a gaze do vestido a ceder por um instante ao anel de fogo, uma abominação tornada realidade pelo jovem rei tulaniano. Cyrus, o monarca em questão, estava em pé diante de Kamran, ainda a sustentar a espada no ar, na expectativa de um golpe fatal, mas ficou paralisado ao ver Alizeh, que ia ao seu encontro. Kamran viu-a arrancar as chamas do vestido com as próprias mãos, extinguindo o fogo como se fosse luz. Ele olhou para baixo, para o que restara do seu traje desintegrado, depois para o sangue que escorria por entre as articulações dos seus dedos. Lentamente, levantou os olhos



para Alizeh, com clareza mental suficiente para assimilar que ela emergira daquele inferno ilesa, ainda que com o vestido desfeito. Pestanejou perante aquela impossibilidade; só podia estar a sonhar ou a delirar. Ele não conseguia perceber.

Não, nada fazia sentido.

Na sua urgência, Alizeh quase tropeçou na coroa caída do rei, e o pesado objeto rodopiou na direção de Kamran. Este fitou a coroa, e o seu corpo foi tomado por um tremor: uma mistura de frio e choque, que lhe recordava que...

O avô estava morto.

O rei Zaal jazia aos olhos do mundo, o sangue numa poça debaixo do seu corpo sem vida, a boca aberta numa forma oval imperfeita, a expressão paralisada num grito. Em troca de mais tempo de vida, o avô fizera um acordo com o Diabo — e, no final, a Morte devorara o rei de forma rápida e indigna, o soberano e os seus pecados consumidos em simultâneo. O músculo frouxo e enrançado de duas serpentes brancas gémeas permanecia amarrado aos ombros pálidos do adorado rei, e a cena era tão grotesca que Kamran sentiu o impulso repentino de se levantar; apoiou as mãos trémulas no chão gélido e perguntou-se, com horror crescente, quantas crianças de rua teriam sido sacrificadas para alimentar as serpentes do seu avô.

Era demasiado monstruoso para imaginar.

Kamran estava nauseado de desilusão, de negação. Obrigou-se a ficar calmo, a controlar os pensamentos, mas a sua consciência foi tomada por uma agonia indefinida, uma dor que parecia emanar do seu braço esquerdo. Ele queria ser outra pessoa. Queria voltar atrás no tempo. Desejava, acima de tudo, sem sombra de exagero, que Cyrus tivesse conseguido matá-lo.

Os sussurros da plateia, até então silenciosa, foram-se intensificando nesse interlúdio e atingiam agora um tom alarmante, e o alarido despertava em Kamran anos de treino e percepção. A mente foi-se aguçando ao som do falatório, o sentido de dever começou a perfurar a névoa do luto, que foi substituído por fúria, concentração...

De repente, um estrondo.

Kamran levantou o olhar a tempo de ver Alizeh atirar a espada de Cyrus ao chão e o jovem a encolher-se, quando o aço cintilante bateu no mármore. O rei estrangeiro encarou Alizeh, com um espanto semelhante ao de Kamran, o medo a entorpecer-lhe as feições à medida que ela se aproximava.

— Como ousas? — gritou ela. — Seu cretino horrível. Seu monstro inútil. Como *pudeste*...

— Como... Como é que... — Cyrus deu um passo cambaleante para trás. — Como conseguiste atravessar o fogo assim? Porque não... ardes?

— Seu miserável desprezível — continuou ela, com raiva. — Sabes *quem* sou, mas não sabes o *que* sou?

— Não.

Alizeh deu uma bofetada tão forte no rosto de Cyrus, que a violência do impacto fez o jovem rei vacilar e a sua cabeça bateu audivelmente contra uma coluna.

Kamran sentiu o choque nos ossos.

Ele sabia que deveria regozijar-se nesse momento, sabia que devia celebrar as ações de Alizeh contra aquele governante depravado, mas a sua mente não cedia ao alívio, porque a cena que se desenrolava diante dos seus olhos não fazia sentido.

Cyrus parecia demasiado desconcertado.

A trepidação nos seus olhos, o assombro perante a ofensiva dela, os passos cambaleantes com que ia recuando conforme ela avançava... Nada fazia sentido. Ainda há momentos, Alizeh garantira a Kamran que não conhecia aquele rei do Sul; mas Cyrus, que havia provado a sua brutalidade sem margem para dúvidas, exibia todos os sinais de pânico na presença dela. Se eram realmente estranhos um para o outro, por que motivo ele haveria de se acobardar perante o ataque de uma rapariga desarmada que nem conhecia? Ela atirara a espada dele ao chão, insultara-o repetidas vezes e dera-lhe uma bofetada — e o jovem rei, que minutos antes tinha enterrado a lâmina



no coração de Zaal, nem sequer levantava uma mão para se defender. Ficava ali, parado, a encará-la, e só faltou *permitir* que ela o ferisse.

Quase como se tivesse medo dela.

Kamran não ousou respirar quando uma suspeita aterradora despontou na sua mente, uma ideia que lhe provocou um espasmo tão agudo que pensou que o seu peito poderia rachar-se.

Kamran sentira-se intrigado desde o início com a transformação de Alizeh no baile. Em questão de horas, os seus ferimentos tinham sarado como que por milagre, descartara o icónico snoda do seu uniforme de serviçal e o traje de trabalho puído fora substituído por um vestido extravagante pelo qual nenhuma criada poderia pagar. E, ainda assim, ele rejeitara a verdade, por estar tão desesperado por a ilibar da sua farsa. Por fim, entendeu.

Tinha sido enganado.

Os olhos avistaram mais uma vez a silhueta caída do seu avô.

O rei Zaal tentara alertá-lo; implorara-lhe que abrisse os olhos e visse como Alizeh estava ligada à profecia, ao fim da sua vida. E apenas agora que o avô estava morto é que Kamran entendia a dimensão da sua própria loucura. Todas as palavras tolas que pronunciara para a defender, cada atitude estúpida e infantil com o propósito de a proteger...

De repente, Cyrus soltou uma gargalhada.

Kamran olhou-o; o rei do Sul parecia pálido e transtornado. De onde se encontrava ajoelhado, Kamran não conseguia ver o rosto de Alizeh; via apenas o horror nos olhos de Cyrus ao fitá-la. O jovem que matara o próprio pai pelo trono de Tulan; que acabava de assassinar o rei Zaal, soberano do maior império na Terra; e que teria também acabado com Kamran, caso tivesse tido tempo para concluir a tarefa. Aquele tirano de cabelos acobreados tentava agora acalmar-se, enquanto o sangue lhe escorria dos lábios e lhe manchava o queixo. De todos os adversários que poderiam ter encontrado, ao que parecia, os dois davam por si intimidados perante a pobre e obediente criada da Casa Baz.

— Maldito seja o Diabo — disse o rei tulaniano, em voz baixa. — Não me disse que eras uma jinn.

— Quem? — interrogou Alizeh.

— O nosso amigo em comum.

— Hazan?

Kamran recuou. Não estava preparado para o choque de mais uma traição, e o impacto que aquele nome causou percorreu-lhe o corpo com uma violência que ele não tinha como vencer. Já era tortura suficiente que, de alguma forma, ela fosse aliada de Cyrus... Mas que o tivesse traído com *Hazan*?

Era mais do que ele conseguia suportar.

Alizeh manipulara-o a cada oportunidade, fingindo-se de inocente e receosa, e o pior de tudo — *o pior de tudo* — era que ele tinha caído, inconsequentemente, em todas as suas manipulações. Desde que a conhecera, Alizeh nunca prescindira do snoda, lutando para esconder a sua identidade até debaixo de um temporal; e agora, ali estava ela, com o rosto exposto no meio de um mar de nobres, a fulminar o soberano formidável da nação vizinha, a revelar-se perante o mundo.

Durante todo aquele tempo, Alizeh estivera a seguir um plano.

Kamran já se sentia fustigado pelo luto e pela fúria; ainda estava a esforçar-se por digerir a magnitude dos últimos momentos e mal conseguia organizar as ideias contraditórias sobre o avô. Mas, agora... Agora tinha de encontrar um sentido naquilo? Ele, que se orgulhava da robustez dos seus instintos... Ele, que se via como um soldado competente, intuitivo...

— Hazan? — Cyrus riu-se de novo, enquanto a mão tremia de forma quase impercetível ao limpar o sangue da boca. — *Hazan*? Claro que não me refiro ao *Hazan*. — Cyrus dirigiu então os olhos para Kamran e continuou: — Presta atenção, rei, pois parece que os teus amigos te traíram.

Alizeh virou-se de súbito para o encarar, com os olhos arregalados de pânico. Aquele rubor de culpa era a evidência de que Kamran



precisava. Ainda há horas, ele teria jurado que o desejo que ela sentia por ele era tão palpável quanto o toque do cetim contra a sua pele; ele provaria o sal na pele dela, sentira a forma adorável do seu corpo debaixo das mãos. Agora, sabia que tudo não passara de uma mentira.

Inferno.

Estava a viver um inferno.

Contudo, dizer que a revelação lhe partira o coração seria uma forma errada de representar a verdade; Kamran não estava de coração partido, estava a fervilhar de raiva.

Ia matá-la.

Qualquer docilidade ingénua que ainda houvesse no seu coração evaporou-se. Ele fora seduzido pelo canto dissimulado de uma sereia e traído pelo seu amigo; e quase cuspira na cara da única pessoa que de facto se importara com o seu bem-estar. O rei Zaal vendera-se ao mal em nome da felicidade de Kamran e, em troca, recebera traição e deslealdade. Aquela noite sombria não passava do resultado das ações de Kamran, isso era-lhe agora evidente. Todo o império arduiano ficara vulnerável graças à sua fraqueza física e mental.

Nunca mais.

Nunca mais permitiria que as suas emoções fossem subjugadas por uma mulher; nunca mais se deixaria levar por tentações tão primitivas. Nesse momento, Kamran jurou: a criatura monstruosa da profecia seria morta pelas suas mãos — ou lhe atravessava o coração com a espada, ou morreria a tentar.

Mas, antes, Hazan.

Kamran percebeu que os guardas estavam à espreita, à espera de ordens, e, com um único olhar, emitiu o seu primeiro decreto como rei de Arduia: Hazan seria enforcado.

Kamran não experimentou nenhuma sensação de vitória ao ver o seu antigo ministro a ser intercetado e arrastado para longe; não desfrutou de nenhum triunfo ao ouvir os protestos vagos de Hazan

a ecoarem pelo silêncio perplexo do salão. Não; ao obrigar-se a pôr-se de pé, ousando apoiar-se no braço ferido e apercebendo-se da dor excruciante que sentia nas pernas, que entendeu então que estavam também gravemente queimadas, Kamran sentiu apenas a loucura de uma fúria crescente. A pele e a roupa estavam peganhentas por causa do sangue; a cabeça pesava como chumbo. Era uma evidência que detestava admitir: não sabia quanto mais tempo seria capaz de suportar sem a ajuda de um médico. Ou de um Adivinho.

Não. Os Adivinhos da corte estavam mortos. Assassinados por Cyrus.

Ao recordá-lo, Kamran cerrou os olhos.

— Iblees.

Abriu-os depressa ao ouvir o som suave e traiçoeiro da voz dela. O coração de Kamran começou a bater com uma intensidade que o assustou. Ele não sabia o que mais o perturbava naquele momento: perceber que ela e Cyrus eram *amigos comuns* do Diabo, ou descobrir que o seu corpo ainda a desejava, ainda aquecia só de ouvir a sua voz...

Ela tinha desaparecido.

Em pânico, Kamran procurou-a sem sucesso; viu apenas Cyrus, com o olhar fixo no que poderia apenas ser Alizeh, que ainda há um instante estivera a falar...

De repente, ela materializou-se.

Estava no mesmo lugar, só que agora parecia enevoada, oscilava entre a nitidez e o desfoque, com uma consistência atordoante.

Estaria mesmo a fazer-lhe isso? Teria acesso a magia negra?

Onde antes estava Alizeh, havia agora um borrão leitoso, e a sua voz, distorcida e aquosa, reverberava como se estivesse a falar do interior de um frasco de vidro.

— Teeeeeens fffffalado seeeeeeeempre doooo doooo Diiiiiiabo...

Kamran passou as mãos ensanguentadas pelo rosto. Como se cada nova revelação não fosse mais devastadora do que a anterior, agora também estava cego e surdo?



— Quee iiinteresseee teeeeeeeeem na miiinhaaa vidaaa?

As pernas feridas vacilavam à medida que a sua mente se fragmentava; com um estremecimento, procurou apoiar-se no ar antes de tombar sobre uma das pernas gravemente queimadas. Kamran quase urrou de dor.

Mas, então, uma bênção...

O rei tulaniano falou, as palavras cheias de lucidez.

— Não é óbvio? Quer que governes.

Um estrondo terrível retumbou na cabeça de Kamran. Não houve tempo para comemorar o retorno da sua audição. A profecia garantia que a criatura demoníaca com gelo nas veias teria aliados formidáveis, e ali estava mais uma prova da sabedoria dos Adivinhos, das advertências do seu avô...

Ela contava com a ajuda do Diabo em pessoa.

Kamran também conseguiu ouvir o murmúrio da multidão a intensificar-se, os sussurros a transformarem-se em gritos e histeria. Lembrou-se, mais uma vez, de que todos os nobres de Arduunia estavam reunidos naquele salão; de que os oficiais de alta patente de todos os cantos do império haviam sido convocados para uma noite de pompa e celebração. Em vez disso, tinham testemunhado a queda do maior império do mundo.

Kamran não sabia como sobreviveria a tudo isso.

Voltou a escutar as gargalhadas de Cyrus, depois ouviu-o dizer:

— Uma *rainha jinn* para governar o mundo. Oh, tão horrivelmente traiçoeiro. A vingança perfeita.

Mais uma vez, Kamran tentou levantar-se. A cabeça latejava, a visão falhava. O salão, o piso, o próprio Cyrus, todos lhe pareciam nítidos, mas Alizeh continuava a ser mais névoa do que pessoa, um amontoado de halos a compor uma silhueta. Mas talvez lhe bastasse saber para onde deveria olhar.

As confissões dessa noite validavam as advertências do seu avô contra a rapariga, e Kamran preferia morrer a decepcionar o rei outra vez. A espada estava no chão a alguns metros dos seus pés e, embora

a distância lhe parecesse intransponível, ia obrigar-se a vencê-la. Talvez conseguisse enterrar a lâmina no coração dela agora, matá-la, acabar com a tragédia ali, naquele momento.

Mal conseguira dar um passo doloroso na direção da espada quando a silhueta enevoada de Alizeh se afastou de Cyrus; num instante de sorte, Kamran pôde ver-lhe o rosto.

Ela parecia apavorada.

Esse vislumbre frugal perfurou-lhe o peito no momento preciso em que o véu que cobria a sua visão se esvaneceu; a silhueta dela ficou nítida de repente e, ah, aquele era um destino realmente cruel. Alizeh era uma inimiga que possuía uma força que ele nunca poderia ter imaginado. Nos olhos dela, ainda cintilava uma comoção que o destruíra. A farsa era tão graciosa, tão natural... Ela olhou em redor do salão como se estivesse de facto nervosa.

Kamran amaldiçoou o órgão miserável que lhe batia no peito. Esmurrou o esterno com o punho, como se quisesse matá-lo. Em resposta, uma angústia terrível espalhou-se pelo seu corpo, uma sensação tão brutal que lhe arrancou o fôlego; era como se uma árvore tivesse sido plantada de uma só vez sobre os seus pés, com o tronco costurado à sua coluna e galhos enormes a atravessarem-lhe as veias com violência.

Ele dobrou-se, sem ar, quase perdendo o momento em que Alizeh olhou na sua direção e desapareceu a correr de forma inesperada, voltando a atravessar o incêndio sem um único arranhão.

Será que o vira a tentar pegar na espada? Teria antecipado a sua intenção?

Era enlouquecedor ver Alizeh a fugir, as camadas transparentes do vestido agora duplamente chamuscadas. Ela cruzou o fogo com pouco mais do que farrapos de seda translúcida; Kamran conseguiu distinguir cada curva sinuosa do seu corpo, o formato esbelto das suas pernas, o volume dos seus seios. E odiava-se por ainda a desejar. Odiava-se pela voracidade que sentia ao vê-la partir, odiava os instintos que gritavam dentro dele, apesar de toda a evidência lógica



em contrário, que ela devia estar em perigo, que ele tinha de ir até ela e protegê-la...

— Espera... Aonde vais? — vociferou Cyrus. — Tínhamos um acordo... Não podes fugir em nenhuma circunstância...

Tínhamos um acordo.

As palavras retumbaram na cabeça de Kamran repetidas vezes, cada sílaba atingindo a sua mente como uma foice, arrancando-lhe sangue. Céus, a quantos mais golpes o seu corpo teria de sobreviver naquela noite?

— Tenho de fugir! — gritou ela, enquanto a multidão agitada se abria para que ela passasse. — Desculpa. Desculpa, mas tenho de ir... Preciso de encontrar um sítio onde possa esconder-me, um sítio que ele não...

De súbito, Alizeh curvou-se como se tivesse sido atingida por uma força invisível, e foi imediatamente atirada para cima, no ar.

Ela gritou.

Kamran reagiu sem pensar; a adrenalina fê-lo recompor-se e levantar-se e, num rasgo de estupidez, gritou o nome dela. Aproximou-se o máximo que a ousadia lhe permitiu da coluna de fogo, e a angústia na sua voz traiu-o perante o mundo, ou, pelo menos, perante si mesmo. Contudo, de momento, não podia pensar nisso. Alizeh estava a ser projetada cada vez mais alto pelos ares, enquanto se debatia e berrava, e Kamran censurou-se pela agonia que o torturava ao vê-la sofrer; mesmo assim, não conseguia compreender a batalha que travava no seu íntimo.

— Faz isto parar! — berrou ela. — Põe-me no chão!

Uma compreensão repentina levou Kamran a encarar Cyrus.

— *Tu* — acusou, mal reconhecendo a aspereza na sua voz. — És tu quem está a fazer-lhe isto.

Cyrus fechou o semblante.

— Ela fê-lo a si própria.

Kamran não pôde responder porque lhe chegou o som de outro grito torturado. Virou-se a tempo de ver Alizeh a rodopiar em direção

às vigas do teto — ela só podia estar sob o efeito de uma magia negra muito poderosa — e, no mesmo instante, perdeu a batalha contra a racionalidade. Não conseguia ordenar aquele caos na sua mente, nem responder a uma série de perguntas que o atormentavam.

Kamran sentia-se impotente ao vê-la assim.

Alizeh era uma força tão poderosa que se declarava amiga do Diabo e era aliada do soberano da nação inimiga. Usara magia negra para fabricar ilusões tão convincentes que ele acreditara realmente nos ferimentos nas suas mãos, na garganta, no rosto. Ela conseguira até enganar o rei Zaal ao fazer-se passar por uma criada inofensiva e ignorante. E, ainda assim, soluçava numa histeria tão credível que ele...

— Tu consegues vê-la.

A afirmação sobressaltou-o. Kamran virou-se de novo para Cyrus, examinando por um instante os cabelos acobreados do inimigo, os olhos azuis gélidos. De tudo o que ele poderia ter dito, *aquilo* soava especialmente estranho, e Kamran era demasiado sensato para o ignorar. O facto de Cyrus estar surpreendido por Kamran conseguir vê-la levava a uma conclusão simples...

Talvez os outros não conseguissem.

Essa teoria não explicava nada, ainda que isso parecesse, de alguma forma, crucial. Kamran perguntou-se então sobre a causa da sua cegueira temporária, e foi atravessado por uma nova onda de medo.

— O que foi que — questionou Kamran, com prudência — fizeste com ela?

Cyrus não respondeu.

Devagar, o rei do Sul afastou-se da coluna e baixou-se para agarrar a espada. Avançou até Kamran com uma despreocupação afetada, arrastando a lâmina atrás de si como um cão na trela, o barulho irritante do aço contra o mármore a sobrepor-se momentaneamente aos gritos de Alizeh.

— Pensei que ela tivesse cruzado o fogo para *me* punir — disse Cyrus. — Mas agora percebo que o fez para *te* proteger.



Havia uma faísca naquelas íris azuis e, por um segundo, Cyrus traiu-se. Sob a sua fachada plácida, havia algo desesperado, desenfreado, talvez destruído. Kamran catalogou o momento como uma espécie de bênção, porque se deu conta de que o jovem era um rei mais fraco do que aparentava ser.

— Tu sabes o nome dela — disse Cyrus, em voz baixa.

Kamran quase estremeceu, mas não disse nada.

— Como — perguntou Cyrus — descobriste o nome dela?

Quando Kamran falou, por fim, a voz soou pesada, fria.

— Eu podia perguntar-te o mesmo.

— De facto, podias — retrucou Cyrus, erguendo um pouco a espada. — Por outro lado, tenho o direito de saber o nome da minha futura mulher.

Uma dor lancinante explodiu no peito de Kamran, ao mesmo tempo que um estrondo ensurdecedor ressoou pelo salão. Ele abafou um grito, agarrando-se às costelas ao cair mais uma vez de joelhos, arfando perante a brutalidade do golpe. Kamran não fazia ideia do que se passava consigo, e não havia tempo para especular. Só conseguiu forçar as pálpebras a abrirem-se a tempo de testemunhar não apenas a destruição da sua casa, como também a chegada de um dragão gigantesco com escamas iridescentes. A visão pareceu drenar-lhe todo o sangue do corpo.

Os Adivinhos jamais teriam permitido a invasão de um monstro desconhecido nos céus de Arduvia.

Mas os Adivinhos estavam mortos.

Kamran viu o dragão amparar Alizeh assim que ela começou a cair de maneira vertiginosa. Aquele ser monstruoso posicionou a jovem no seu dorso com firmeza antes de se lançar ao ar, batendo as asas coriáceas e soltando um rugido medonho. Num piscar de olhos, o monstro e a jovem desapareceram de vista, mergulhando na noite através de um buraco cavernoso acabado de abrir na parede do palácio.

No caos que se seguiu, Kamran já não podia negar a devastação que lhe ia na mente.

Começou a processar a dor da perda do avô e de cada traição subsequente, como se estivesse perante uma série de outras pequenas mortes, cada uma violentamente injusta, cada uma exigindo o seu período de luto.

Zaal fora falso. Hazan fora falso. Alizeh...

Alizeh *destruíra-o*.

De alguma forma, ainda conseguia ouvir o rumor da multidão, sentir o calor opressivo nas suas costelas e o frio persistente do pavimento de mármore debaixo dos joelhos. Não tinha forças para se levantar; a dor latejava de modo implacável por todo o seu corpo, num compasso incessante que não dava sinais de alívio. Ergueu a cabeça lentamente e encarou Cyrus. Sentia-se tão despojado que a garganta parecia sangrar enquanto falava.

— É verdade? — perguntou. — Ela vai mesmo casar-se contigo?

Cyrus deu um passo adiante, a espada a postos.

— Sim.

Kamran não conseguiria recompor-se.

Fez uma careta ao sentir uma nova dor a explodir-lhe no pescoço e a irradiar para os ombros. A reação foi tão espontânea que até Cyrus franziu o sobrolho.

— Fascinante — observou o rei dos Tullanianos, antes de levantar o queixo de Kamran com a ponta da espada.

Este, que mal conseguia respirar durante aquela tortura, conseguiu arrastar-se para trás, e o movimento provocou-lhe uma nova onda de sofrimento.

— Pareces estar à beira da morte.

— Não — arfou Kamran, apoiando as mãos no pavimento.

Cyrus quase soltou uma gargalhada.

— A menos que pretendas seguir o destino do teu avô, não me parece que tenhas alternativa.

Kamran não soube onde foi buscar as forças, mas conseguiu levantar-se com o tipo de coragem que brota de um homem destruído, imprudente.



Sentia-se vazio por dentro.

No intervalo de uma hora, os fios da sua vida inteira tinham-se desfeito. Ele sentia-se febril e fora de si, um pouco como se estivesse a viver um pesadelo. Mas, de alguma forma, os horrores tinham-no fortalecido. Já nada lhe restava.

Não tinha nada a perder.

Alcançou a espada como se o braço não continuasse a sangrar, como se a carne das suas pernas não tivesse acabado de ser queimada. Parecia um milagre conseguir levantar a lâmina perante o inimigo.

Então, ouviu uma onda de passos sincronizados e, de seguida, um coro de vozes consternadas à medida que uma formação de guardas se aproximava do anel de fogo. Kamran ordenou que parassem com um único aceno de mão.

Era ele quem devia concluir aquela luta.

Cyrus deitou um olhar aos espetadores armados, depois fitou demoradamente o príncipe.

— Muito bem — disse, por fim, o rei do Sul. — Nunca digas que não sei ser piedoso. Serei rápido. Não vais sofrer.

— E eu — replicou Kamran, a voz áspera como cascalho —, vou certificar-me de que o teu sofrimento vai parecer eterno.

Depois de um lampejo de raiva, a espada de Cyrus cortou o ar num golpe decisivo, ao qual Kamran respondeu com uma força surpreendente, mesmo com o corpo castigado e a tremer de esforço. As pernas vacilavam, os braços bradavam de dor, mas ele não podia render-se. Preferia morrer a lutar a deixar-se capitular, e foi essa resolução que lhe aqueceu o peito, que lhe renovou a vida, que lhe injetou uma adrenalina aterradora.

Morreria feliz a tentar.

Com um rugido gutural, conseguiu investir contra o oponente, obrigando Cyrus a recuar. Kamran avançou então, movendo-se com uma rapidez impressionante, enquanto Cyrus se defendia. Durante algum tempo, apenas ouviu o som do aço; não via nada além do brilho do metal, clarões de lâminas a colidir e a recuar.

Cyrus começou por fingir que atacava, mas de seguida atirou-se para a frente com um vigor inesperado e, demasiado tarde, Kamran sentiu o ardor do ferimento. Ouviu os gritos de pânico da multidão, mas não conseguia ver o golpe; na verdade, mal conseguia perceber que parte do corpo acabara de o receber.

Não tinha tempo.

Kamran moveu-se para um segundo ataque, gozando de um breve momento de triunfo quando Cyrus caiu para trás e soltou uma imprecação abafada. Sem hesitar, o rei do Sul recompôs-se, revidando golpe após golpe numa sequência tão bem coreografada que nem Kamran ficou imune à sua beleza. Lutar contra um adversário à altura era um prazer raro; testava assim, sem limites, o potencial do seu próprio poder. Mas a evidência da destreza de Cyrus — de reflexos rápidos como raios — apenas consolidava a certeza de Kamran de que o rei tulaniano tinha permitido que Alizeh o subjugasse. Para o príncipe, tal comportamento levava a uma de duas explicações: ou era ela quem conservava o maior poder no acordo que ambos tinham firmado, ou ele não quisera magoá-la. Talvez as duas estivessem corretas.

Talvez estivessem mesmo noivos.

Esse pensamento devastador trouxe-lhe vida e uma força alarmante, até então desconhecida. Os seus instintos estavam mais aguçados do que nunca, e depressa detetou uma ligeira tensão no rosto de Cyrus, o brilho do suor na testa dele refletindo, com certeza, o da sua. Ambos respiravam com dificuldade, mas, mesmo com o sangue a gotejar das mãos, com cada movimento a manchar o pavimento de mármore, Kamran não cedeu.

Avançou mais uma vez.

Os jovens cruzaram as espadas numa colisão tão violenta que Kamran sentiu o estremecimento a atravessar-lhe o corpo. Estavam paralisados num embate hercúleo e enfrentavam-se cara a cara através do brilho das lâminas.

Então, sem motivo aparente, Cyrus hesitou.



Por uma fração de segundo, o rei tulaniano contraiu o sobrolho, distraiu-se, e Kamran aproveitou a oportunidade; bramiu a espada com uma força brutal, obrigando Cyrus a agachar-se. Kamran estava agora em vantagem; só precisava de abater o inimigo. Sentiria uma satisfação enorme em enterrar a lâmina no coração de Cyrus; já sabia que iria mandar arrancar-lhe as tripas. Iria exhibir os seus órgãos ensanguentados em redomas de vidro na Praça Real, deixaria os vermes servirem-se e devorá-los à vontade.

— Acho que devias saber — começou Cyrus, com a voz pesada, a exaustão evidente no seu rosto — que está a acontecer qualquer coisa contigo. Com a tua pele.

Kamran ignorou-o.

Cyrus estava a tentar desconcentrá-lo, e ele não ia permitir isso, não quando estava tão perto da vitória. Com um grito repentino, Kamran atacou o oponente uma última vez, e Cyrus caiu no chão, a respirar com dificuldade, a espada a ecoar sobre o mármore.

Kamran não perdeu tempo, aproximando-se do rival caído com determinação feroz. Por uma última vez, levantou a espada...

E congelou.

Uma paralisia de tirar o fôlego apoderou-se do seu corpo, uma sensação tão poderosa que Kamran mal conseguia respirar. Como se estivesse preso entre painéis de vidro, assistiu à cena: Cyrus pôs-se de pé, pegou na espada, recuperou o seu bastão e procurou o chapéu. Assim que o estranho acessório assentou sobre a cabeça do tirano, ele avançou até à estátua de Kamran e sorriu.

— Resta pouquíssima honra em mim, rei melancólico. Com certeza não a suficiente para morrer quando mereço.

Ao longe, alguém gritou.

Kamran lutou contra a prisão do próprio corpo, mas sentiu os pulmões cada vez mais fracos, os órgãos comprimidos de fora para dentro.

Cyrus continuava a sorrir.

— Infelizmente — prosseguiu —, há um laivo de humanidade que insiste em manifestar-se na minha pessoa. Por isso, deixo-te

viver. De qualquer forma, é melhor que estejas vivo, não é? É melhor que sofras conscientemente, que lamente a perda desse avô vil, que vivas todos os dias ciente de que foste traído não apenas por aqueles que odeias, mas também por aqueles que amas... E que fracasses na governação deste império risível.

Kamran sentiu o coração a apertar-se no peito, os olhos queimando com a necessidade de lacrimejar.

Não, queria gritar. Não, não...

— Estou ansioso pela nossa próxima batalha — concluiu Cyrus, delicadamente, tocando no chapéu. — Mas, antes disso, terás de me encontrar.

Depois, desapareceu.



DOIS



Durante muito tempo, Alizeh não se moveu. Sentia-se paralisada pelo medo e pela incredulidade. A sua mente era atormentada por um tumulto de incerteza. Lentamente, a dormência abandonou-lhe os membros e voltou a sentir os dedos. Em breve sentiu o vento contra a face, viu o céu noturno envolvê-la como um lençol escuro polvilhado de estrelas.

Aos poucos, começou a descontraír.

A besta era pesada e sólida e parecia saber para onde ia. Alizeh enchia os pulmões com inspirações profundas para tentar varrer os resquícios do seu pânico, para se convencer de que estaria a salvo, pelo menos, enquanto se agarrasse àquela criatura selvagem. Moveu-se de repente ao sentir fibras macias roçarem-lhe a pele através do que restava do seu vestido fino e olhou para baixo para examinar o que seria. Não tinha percebido que, na verdade, se sentava sobre um pequeno tapete, que...

Alizeh quase voltou a gritar.

O dragão tinha desaparecido. Continuava *ali* — sentia a besta debaixo dela, conseguia sentir a textura coriácea da sua pele —, mas a criatura tinha-se tornado invisível no céu, deixando-a a flutuar sobre um tapete decorado por um padrão.



Era profundamente desorientador.

Mas compreendeu nesse momento porque a criatura desaparecera. Sem ficar cega com o seu volume, conseguia ver o mundo em baixo, conseguia ver o mundo mais além.

Alizeh não sabia para onde ia, mas forçou-se a não entrar em pânico. Havia, afinal, uma estranha paz naquilo, no silêncio que a rodeava.

À medida que os seus nervos descontraíam, a sua mente avivou-se. Descalçou rapidamente as botas e lançou-as à noite. Deu-lhe grande satisfação vê-las desaparecer na escuridão.

Alívio.

Um baque súbito moveu o tapete e fê-la endireitar-se com um sobressalto. Alizeh virou-se outra vez, com o coração acelerado no peito, e, quando viu a face do seu companheiro indesejado, achou que se lançaria ao céu atrás das botas.

— Não — sussurrou.

— Este é o *meu* dragão — disse o rei tulaniano. — Não te é permitido roubá-lo.

— Não o roubei. A criatura levou... Espera. Como chegaste aqui? Consegues voar?

Aquilo fê-lo rir-se.

— O poderoso império de Arduvia é realmente tão pobre em magia que estes pequenos truques te impressionam?

— Sim — disse ela, e pestanejou. — Como te chamas? — perguntou de seguida.

— Entre tudo o que não vem a propósito. Porque precisas de saber o meu nome?

— Para poder odiar-te de forma mais informal.

— Ah. Bem, nesse caso, podes chamar-me Cyrus.

— Cyrus — repetiu ela. — Seu monstro insuportável. Para onde raios vamos?

Os seus insultos pareciam não surtir efeito nele, pois continuava a sorrir quando disse:

— A sério que ainda não percebeste?

— Estou demasiado agitada para estes jogos. Por favor, diz-me de uma vez que horrível destino me espera agora.

— Oh, o pior dos destinos. Lamento. Estamos presentemente a caminho de Tulan.

O nosta aqueceu contra a pele de Alizeh e ela sentiu-se ficar rígida com medo. Estava atordoada, sim, e também horrorizada, mas ouvir o soberano de um império denegrir o seu próprio domínio daquela forma...

— Tulan é assim um sítio tão terrível?

— Tulan? — Ele arregalou os olhos com surpresa. — De modo algum. Um centímetro quadrado de Tulan é mais soberbo do que Arduña inteira, e digo isto como facto comprovado e não como opinião subjetiva.

— Mas então... — Alizeh franziu a testa — porque disseste que seria o pior dos destinos?

— Ah. Isso. — Cyrus afastou o olhar nesse momento e perscrutou o céu noturno. — Bem. Lembras-te de dizer que tinha uma grande dívida para com o nosso amigo em comum?

— Sim.

— E que ajudar-te era o único pagamento que ele aceitava?

Alizeh engoliu em seco.

— Sim.

— E lembras-te de te ter dito que ele queria que governasses? Que fosses uma rainha jinn?

Alizeh acenou afirmativamente com a cabeça.

— Bem. Não tens um reino — disse ele. — Não tens território para governar. Não tens um império para comandar.

— Não — confirmou ela em voz baixa. — Não tenho.

— Então. Vais para Tulan — disse Cyrus enquanto inspirava rapidamente — para te casares comigo.

Alizeh deu um grito alto e caiu do dragão abaixo.

Conforme caía, com o vento a bater-lhe nos pés, ouviu uma enxurrada de pragas vinda de Cyrus. Para sua surpresa, percebeu que,

embora estivesse a cair para a morte, não conseguia reagir de forma apropriada.

Alizeh não gritou nem sentiu medo.

Aquela resposta incomum a uma queda livre repentina dava-se, em parte, à ambivalência de Alizeh em relação ao rumo atual da sua vida. Ao fugir no dragão, julgara que ao menos conseguiria livrar-se dos estratagemas do Diabo. Não tinha percebido que as suas ações, involuntárias ou não, a tinham empurrado ao encontro dos planos diabólicos de Iblees. Alizeh não se considerava uma pessoa sentimental, mas, naquele momento, nem sequer a sua própria sobrevivência lhe importava.

Por outro lado, talvez a sua calma excessiva tivesse uma justificação muito mais simples:

Alizeh sabia que seria salva.

Mal acabara de ter esse pensamento quando ouviu um rugido baixo e contrariado do dragão, a batida das suas asas pesadas a dar azo a fortes rajadas de ar na sua direção. Era a segunda vez que Alizeh caía de uma grande altura em uma hora e, conforme o ar gelado lhe fustigava o corpo e abria fissuras na pele, ela percebeu — não sem certo divertimento — que os seus metros e metros de caracóis pretos estavam completamente soltos. As madeixas escuras esvoaçavam ao seu redor como línguas estranhas, ou galhos inquietos que encaracolavam junto aos seus olhos, e também em torno da boca, do pescoço e dos ombros. O seu próprio corpo impedia-a de ver, ali à mercê do vento, subjugado a ele e, muito possivelmente, congelado.

Era verdade que Alizeh sentia sempre frio; o gelo que a marcava como herdeira de um antigo reino não lhe permitia sentir, quase nunca, o aconchego do calor. A isso somava-se o rigor da noite de inverno, com os ventos implacáveis a fustigarem-lhe o corpo sem cessar, e o facto de usar apenas farrapos...

Estava surpreendida por ainda não se ter tornado um cadáver.

Ainda assim, não reagiu quando o dragão se aproximou por baixo e limitou-se a soltar um grito abafado antes de as mãos de

Cyrus a puxarem pela cintura, resgatando-a do ar como se fosse uma flor errática. Ele arrastou-a com firmeza para cima do tapete, posicionando-a ao seu lado, onde ela aterrou com um baque de ranger os dentes. De seguida, ele afastou-se dela com uma presa pouco lisonjeira. Alizeh registou tudo isso como que através de uma névoa, incapaz de sentir fosse o que fosse. Sentia-se como uma boneca de trapos inanimada.

Tudo parecia irremediavelmente perdido.

Hazan seria enforcado. O rei Zaal estava morto. Kamran...

Kamran estava em perigo.

Os Adivinhos reais de Arduvia tinham sido assassinados; o palácio, atacado. Kamran estava ferido quando ela fugiu — como poderia receber assistência rápida sem os Adivinhos? Por quanto tempo ficaria vulnerável antes que conseguissem reunir um novo conselho de sacerdotes e sacerdotisas? Mesmo Alizeh, que testemunhara a devastação da sua própria vida nas últimas horas, podia ver com clareza que Kamran sofrera uma série de infortúnios semelhantes.

Como se a morte e a desgraça do seu avô não fossem suficientes, Alizeh ainda conseguia recordar a expressão de Kamran ao descobrir a traição de Hazan, ao dar a impressão de achar que também ela fora desleal...

Não... não, ela não conseguia suportar uma coisa dessas.

Cada esperança recente, guardada na intimidade do seu peito... Cada esforço levado a cabo durante todos aqueles anos para construir uma vida tranquila e segura para si... Cada trabalho braçal pesado a que se submetera na expectativa de garantir um futuro tranquilo...

Afastou esses pensamentos da sua mente.

Havia uma parte inconsciente de Alizeh que parecia entender que, se desse rédea solta à dor no seu coração, poderia não sobreviver. Era muito melhor mantê-la presa, decidiu.

De qualquer maneira, era tudo culpa do Diabo, que concebera grandes planos para a torturar, e a prova estava ali.

O seu discípulo sentado ao lado dela.



— Não vais dizer nada? — perguntou Cyrus, com uma suavidade atípica.

Alizeh sentiu os lábios dormentes.

— Não.

— Não vais falar?

— Não vou casar-me contigo.

Cyrus suspirou.

Ambos deixaram que um silêncio horrível se prolongasse, engolidos pela escuridão ao redor. O céu magnífico era o único consolo de Alizeh, porque, apesar de estar a bater os dentes naquela atmosfera glacial, se recusava a ficar apática perante o firmamento noturno no qual pareciam navegar, ou diante das estrelas que abriam buracos incandescentes no céu.

Aquele era um hábito que Alizeh adquirira havia muito tempo.

Era-lhe habitual assinalar os momentos de alegria mesmo no meio do desastre, isso ajudava-a a manter a mente equilibrada; Alizeh vivera dias tão exasperantes na sua vida que, em certas alturas, chegara mesmo a contar os dentes para se certificar de que ainda conservava algo de valor.

Naquele instante, obrigou-se a ouvir o murmúrio do vento e a cultivar a gratidão por poder ver a lua ali tão próxima, em toda a sua glória. Respirou devagar ao aperceber-se disso, saboreando a pureza do frio na língua e levantando a mão para a noite.

Os céus passaram pela ponta dos seus dedos como um gato a pedir carícias.

— Esquece isso — repreendeu Cyrus, interrompendo o silêncio.

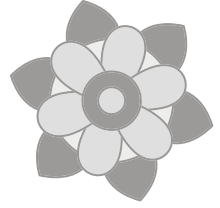
— Seria um esforço em vão.

Alizeh não olhou para ele.

— Não sei do que estás a falar.

— Atira-te quantas vezes quiseres. Não há forma de escapar. Não permitirei que morras.

— É costume expressares esse afeto tão ardente sempre que falas com jovens? — questionou Alizeh sem vacilar, apesar de os seus



ossos tremerem de frio. — Se eu desmaiar de emoção e voltar a cair, a culpa será toda tua.

Cyrus soltou um som, quase uma gargalhada, que depressa se apagou.

— A primeira tentativa já nos custou minutos preciosos. Se insistires em voltar a atirar-te outras vezes, isso só servirá para nos atrasar e para irritar o meu dragão, e ela não merece passar por isso. Já passa da sua hora de dormir; não vale a pena torturá-la.

— Cuidado — retrucou Alizeh. — Corres o risco de me levar a crer que te importas com o dragão.

Cyrus suspirou e desviou o olhar.

— E tu corres o risco de morrer congelada.

— Nada disso — mentiu ela.

Em silêncio, ele tirou o casaco preto sem adornos. Mas, quando se inclinou para lho passar sobre os ombros, Alizeh impediu-o com um gesto.

— Se achas que algum dia aceitarei outra peça de roupa vinda de ti — ela articulou bem cada sílaba —, estás muito enganado.

Então, viu o peito dele estremecer, uma tensão repentina no seu maxilar.

— Não há nada de perigoso neste casaco. É só a oferta de um cavalheiro.

Ela sentiu uma faísca quente perto do esterno e arregalou os olhos de surpresa.

— *Cavalheiro?* Costumas confundir-te com esse tipo de homem?

— Com que facilidade me ofendes — disse ele, com um olhar sarcástico. — Se fosses outra pessoa, mandava executar-te.

— Céus, mais poesia! Será que essas juras dóceis deveriam cativar-me?

Ele lutou para não sorrir, enquanto passava uma mão pelo cabelo e olhava para as estrelas.

— Diz-me... Será demais esperar que, no futuro, percas o hábito de me dar bofetadas no rosto?



— Sim.

— Compreendo. Então a vida de casado será exatamente como a imaginei.

— Permite-me que deixe isto claro: eu odeio-te. Preferiria tomar veneno a casar-me contigo, e estou perplexa por achares que iria sequer ponderar a possibilidade de me submeter a tamanho horror, quando é evidente que todas as tuas ações têm como objetivo cumprir os interesses do Diabo em pessoa. És um malvado incorrigível; nunca serei capaz de entender como podes pensar em ti mesmo como um cavalheiro.

Cyrus permaneceu calado por um longo instante.

Ao falar, não procurou os olhos dela, nem sequer se obrigou a sorrir.

— Deixemos o decoro de lado, então. Prometo que nunca mais tento ser um cavalheiro na tua presença.

— Faz algum sentido traçar um objetivo já alcançado?

Cyrus empertigou-se e virou-se de súbito para ela, os olhos incandescentes de qualquer coisa parecida com fúria, ao luar. Ficou calado enquanto estudava, demoradamente, os olhos dela, depois os lábios, o pescoço, a curva do seu busto, descendo abaixo das linhas estreitas do corpete quase inexistente, e depois mais abaixo...

— És mesmo devasso — murmurou ela, odiando o rubor que a atenção dele lhe despertava.

Apesar de toda a escuridão que os cercava, havia também bastante claridade. Ela conseguia ver Cyrus muito bem à luz das estrelas e sob o brilho da lua. Não havia como negar: ele tinha um rosto tão deslumbrante que Alizeh não conseguia decidir se era a subversão do seu cabelo acobreado ou o azul penetrante dos seus olhos que o tornava atraente. Enfim, ela preferia não decidir, porque, além de ser indiferente a essa beleza, nutria a esperança secreta de, dada a oportunidade, poder matá-lo.

— Aquele vestido tinha o objetivo de te proteger — declarou Cyrus, com amargura. — Nunca pensei que fosses pegar-lhe fogo. Duas vezes.

O nosta aquecia contra a pele dela, e Alizeh respirou fundo. Nunca estivera tão grata pelo globo mágico do tamanho de um berlinde que distinguia a mentira da verdade. Ela acomodara-o bem dentro do corpete antes da abrupta chegada de Cyrus ao quarto da menina Huda, mas, depois da sua queda dos céus em espiral, já quase se esquecera da sua existência. Recordar-se de que o conservava ajudou-a a sentir-se corajosa, uma vez que agora detinha informações suficientes para saber, sem sombra de dúvida, que Hazan e Cyrus não tinham conspirado juntos para a ajudar — o que queria dizer que Cyrus não precisava de saber que ela tinha esse poderoso objeto em sua posse. Independentemente dos horrores que a esperassem, ao menos ela saberia quando ele estivesse a mentir.

Alizeh sentiu uma pontada no coração ao aperceber-se disso, porque fora Hazan quem lhe oferecera o nosta, e agora parecia-lhe evidente que nunca mais iria voltar a vê-lo.

Seria sem dúvida enforcado ao amanhecer.

Fora Hazan quem a trouxera de volta à vida, quem a inspirara a imaginar um fim para a angústia dos seus dias. Hazan era prova de que ainda havia jinns à sua procura, que acreditavam nela. Alizeh não conhecia a verdadeira identidade dele, isto é, que, na verdade, era um ministro da coroa, que colaborava todos os dias com o príncipe. Ele arriscara a própria vida ao tentar transportar Alizeh em segurança, e agora seria punido por isso. Era um sacrifício que ela jamais esqueceria.

— Se soubesse que ias incinerar o vestido, não teria desperdiçado tanta magia a fazê-lo — dizia Cyrus, enquanto abanava a cabeça. — Não te serviu de grande coisa, no fim de contas. O vestido deveria esconder-te de todos os que quisessem fazer-te mal; mas, em vez de o usares para isso, destruíste-o, revelando a tua identidade e a roupa interior perante toda a realza de Arduunia. Deves estar muito orgulhosa disso.

— Perdão? — Alizeh olhou-o, horrorizada. — A minha *roupa interior*?



— Diria que tens olhos, certo? — alfinetou ele, examinando-lhe o rosto. — Estás praticamente nua.

— Como te atreves?

Com um movimento fluido, Cyrus passou o casaco pelos ombros dela, surpreendendo-a de tal forma que não teve hipótese de protestar antes de se render, impotente, ao alívio. A peça de lã conservava ainda algum calor que se misturava com o aroma masculino e inebriante do seu dono, mas isso Alizeh podia ignorar; o casaco pesado cobriu cada centímetro do seu corpo encolhido, enquanto o forro de seda acariciava e depois apaziguava a sua pele fustigada pelo vento. Alizeh tentou resistir àquele luxo, mas, por mais que tentasse censurar-se em silêncio, não conseguia obrigar os braços a desenharem-se da peça. Na realidade, o contentamento era tão doloroso que as lágrimas lhe brotaram dos olhos à sua revelia, e ela teve de morder o lábio para não deixar escapar uma manifestação de prazer.

Quando, por fim, levantou os olhos, encontrou Cyrus a observá-la, pasmado.

— Estavas mesmo em sofrimento — constatou ele. — Porque não disseste nada?

Ela não conseguiu encará-lo quando confessou, baixinho:

— Estou sempre em sofrimento. O gelo vive em mim como um órgão indesejado; nunca dá tréguas. Raramente presto atenção a isso.

— Então o gelo é uma condição real e palpável? — Cyrus franziu o sobrolho. — Já ouvi falar disso, claro, mas imaginava que fosse uma espécie de floreado poético.

Ela tinha-se esquecido: Cyrus tinha poucos conhecimentos da sua cultura.

Alizeh cerrou os olhos e soltou o ar, agradecida porque as tremuras tinham cessado.

— É o gelo que me marca como herdeira do império perdido dos Jinn. O frio rigoroso serve para provar a minha resiliência — elucidou. — Os que não conseguem sobreviver às provas que causa no corpo também não conseguiriam enfrentar as provas do trono.

— Então, vocês existem mesmo. Não são só contos de fadas — observou Cyrus, em voz baixa.

Alizeh arregalou os olhos.

— Como assim?

— Eu tenho alguns conhecimentos do folclore jinn. — Ele virou-se para ela. — Realeza sem coroa é o que não falta no mundo. Achei que serias só outra rainha mimada e sem coroa oriunda de um imperiozito demasiado insignificante para ser recordado. Mas és aquela por quem têm aguardado, não és? Aquela de quem até o Diabo está à espera. Isso poderia explicar as lacunas nas charadas que ele me lançou. Também explicaria o porquê de ele te cobiçar com tanto desespero.

— Sim — sussurrou Alizeh, sentindo-se cada vez mais uma impostora. Será que *ela* estava fadada a salvar o seu povo? Ela, que passara os últimos anos da sua vida a esfregar chãos e latrinas? — Acho que sou.

Como resposta, Cyrus limitou-se a suspirar.

Quando, por fim, Alizeh teve coragem de olhar para ele, viu-o a fitar o próprio chapéu preto, os dedos percorrendo a aba.

Aquilo fê-la indagar.

— Há bocado usaste magia para nos transportar para o baile — disse. — Porque não fazes o mesmo para nos levar a Tulan? O dragão parece um exagero.

Cyrus imobilizou as mãos. Levantou a cabeça devagar, com os olhos a cintilar sob o céu radiante. Não havia censura na sua voz, apenas surpresa, quando perguntou:

— Não entendes mesmo nada de magia, pois não?

Ela abanou a cabeça.

— Muito pouco.

— No entanto, fui informado de que precisas dela. — Ele franziu a testa. — De que, de alguma forma, tens dentro de ti os seus elementos essenciais. Não fazes mesmo nenhuma ideia do que te aguarda no futuro?



Alizeh sentiu uma pontada de medo ao ouvir aquilo, um baque conhecido que lhe deixou o coração aos saltos no peito. Só então lhe ocorreu o muito que o Diabo devia ter partilhado da sua vida com aquele perfeito estranho. Isso deixava-a gravemente em desvantagem.

— Que mais disse ele sobre mim? — perguntou.

— Quem? Iblees?

A respiração de Alizeh estava acelerada, o receio ia aumentando. A pergunta exigia uma resposta óbvia, que ela não tencionava dar, e Cyrus, que não era burro, soltou um suspiro.

— Como já disse, ele só adiantou que eras a rainha de outro império. Que tinhas perdido o trono e estavas à procura de um reino noutro lugar. Não me disse que eras jinn. — Deteve-se, e depois: — Ou, se disse, não ficou claro.

O nosta aqueceu.

— Aquelas charadas estúpidas tornam bastante difícil perceber o que ele diz — murmurou Cyrus, com um amargor no rosto. — Mas isso deixa-o numa posição confortável, não é? Esse tipo de comunicação ambígua parece muito eficaz a arrancar vantagem de humanos suscetíveis.

— Sim — concordou Alizeh, surpreendida por se solidarizar com a opinião do rei do Sul. — Sei bem o que é isso. Ele persegue-me desde que nasci.

Cyrus procurou os seus olhos, examinando-a com uma espécie de cautela.

— Não consigo fazer-me transportar, nem a outras pessoas, ao longo de grandes distâncias. A meia-vida do mineral é demasiado curta.

Alizeh não entendeu a explicação, mas, enquanto refletia se deveria expor o tamanho da sua ignorância quanto ao assunto, uma lufada de ar violenta quase a fez tombar do lugar. Encolheu-se ao máximo dentro do casaco, aconchegando as lapelas junto do corpo, e os dedos sentiram qualquer coisa molhada.

Alizeh afastou imediatamente a mão e inspecionou-a ao luar, antes de dirigir a Cyrus um olhar de temor absoluto.

— Há sangue no teu casaco.

O olhar frio de Cyrus não deixou transparecer o que ele sentia em relação a esse assunto. Limitou-se a dizer:

— Tenho a certeza de que tens inteligência suficiente para concluir que seria muito difícil matar um homem sem sujar a própria roupa.

Alizeh desviou o olhar e engoliu em seco.

Só nesse momento se deu conta de que Cyrus e Kamran tinham ficado para trás depois da sua fuga repentina — e, antes disso, Cyrus estava pronto a desferir o golpe fatal. Ela sabia que não podia deixar transparecer os seus sentimentos a esse respeito, mas como haveria de ter paz sem perguntar? Tinha de saber, precisava de arranjar uma forma de descobrir se ele tinha concluído a tarefa...

— Como foi que o príncipe descobriu o teu nome?

Alizeh teve um sobressalto. Ficou tão tensa que quase deixou cair o casaco.

— O quê? — exclamou, virando-se para o encarar.

A raiva faiscou nos olhos dele.

— Ora, vá lá. Estávamos a ir tão bem. Para quê regressar e voltar aos insultos e às exhibições de ignorância? Já provaste que és muito mais esperta do que isso.

Alizeh sentiu o coração falhar.

— Cyrus...

— Como é que ele sabe o teu nome? — insistiu ele. — Tanto quanto sei, estavas disfarçada de criada. Que motivo teria o herdeiro do império para exhibir esse tipo de intimidade com uma serviçal?

Alizeh levou os dedos trémulos aos lábios.

— Mataste-o, não foi?

— Vejo que estamos ambos ansiosos por explicações quanto ao recém-coroadado rei de Arduña.

— Tu espantas-me — sussurrou ela. — Primeiro, aprisionas-me neste esquema tóxico, depois exiges que eu revele os meus pensamentos mais íntimos, como se tivesses algum direito à minha franqueza...



— Como teu noivo, tenho o direito de conhecer a tua história.

— Nós *não* estamos noivos...

— Não te iludas — interrompeu ele — ao pensar que cheguei a este ponto degradante na minha vida à custa de honra e boa vontade. Vinculei a minha vida à tua ainda antes de saber o teu nome, antes de desconfiar de quem eras ou da aparência que tinhas. Não entendo como podes pensar que o meu interesse neste casamento tem alguma motivação pessoal sórdida. Diz-me — continuou ele, num tom cruel —, é assim tão emocionante imaginares-te como o único objeto dos meus pensamentos e desejos? Negas-me intencionalmente o domínio sobre a minha dignidade básica, esquecendo-te do detalhe crucial de que estou tão preso a esta situação quanto tu, tudo em nome da tua autocomiseração? — Ele sacudiu a cabeça. — Céus, deve ser cansativo ser assim tão narcisista.

Ao ouvir aquilo, Alizeh riu-se de uma maneira quase histérica.

— *Acusas-me* de narcisismo quando todas as tuas ações servem apenas os teus interesses... E a vida dos outros, que se lixe?

— E tu — contrapôs ele, inclinando um pouco a cabeça na direção de Alizeh —, tão preocupada com os teus dramas pessoais que não te ocorreu, nem por um instante, o *motivo* de eu ter de me render a um amo tão desprezível...

— Então devo sentir pena de ti? — rebateu ela. — Tu, que sem dúvida estás a enfrentar as consequências dos teus próprios pecados, atraíste uma pessoa inocente para esse esquema horrroso como um charlatão detestável. Enviaste-me trajes mágicos como se o fizesses por amizade. Fizeste-me acreditar que estavas a ajudar-me... Que te importavas...

— Não fiz nada disso. — Ele desviou o olhar. — Tu é que tiraste as conclusões que achaste mais convenientes, e eis o resultado. Não me culpes pela tua ingenuidade.

Alizeh ficou estupefacta.

— Como é possível que não sintas remorsos pelo que fizeste?

Ele voltou a enfrentar o seu olhar.

— Porque continuas a agir como se eu tivesse *escolha*?

Alizeh recuou, mas Cyrus não.

Ele aproximou-se dela, deixando apenas alguns centímetros entre eles, os olhos brilhantes a desafiarem os de Alizeh com uma nova onda de furor.

— Pareço-te um homem livre a agir com livre-arbítrio? Ou talvez consideres que, depois de me humilhar a cumprir as exigências obscenas do próprio Diabo, eu ia olhar para os teus olhos grandes e inocentes e mudava de ideias?

— Não — sussurrou ela. — Não é isso que eu...

— Sim — retrucou ele baixinho, olhando por um instante para a boca de Alizeh. — Imagino que estejas ciente da tua beleza. Assim como eu estou ciente das manobras do Diabo e da fraqueza humana. Achas que não conheço o jogo dele? Desde o primeiro momento em que te vi, suspeitei das suas intenções... Sabia que ele te tinha enviado a *mim*, especificamente, apenas para me torturar. Como se eu fosse ficar tão tentado só de olhar para ti que acabaria por ceder a todos os seus desejos, abandonando assim um juramento que firmei com a minha alma e transformando-me no seu escravo para sempre. *Não*. Não vou deixar-me seduzir por ti... E estás a subestimar-me se achas que me deixarei levar pelos teus encantos.

— Temo que tenhas perdido a cabeça — disse Alizeh, com o coração disparado no peito. — Estás totalmente errado a meu respeito...

— *E tu achas que sou algum imbecil* — cortou ele, com raiva, o movimento da sua garganta distraíndo-a por um momento. — Eu já conheço essa história odiosa e sei bem como acaba. Aliás, testemunhei as consequências da tua sedução. Ainda hoje partiste a espinha de um soberano ao meio. Não serei o próximo.

— Que diabos queres dizer com isso? — O pânico fazia-a respirar com dificuldade. — Estás a condenar-me por crimes que eu nem saberia como cometer...

Ele inclinou-se mais um pouco, aproximando-se tanto que ela sentiu a sua respiração a roçar-lhe os lábios.



— Se voltares a tentar usar esses olhos contra mim, eu mando costurá-los.

O nosta queimou contra a pele de Alizeh, que se engasgou de pavor, paralisada no seu lugar.

Cyrus recuou.

— Se quiseres ingerir veneno depois dos votos, não vou impedir-te. Mas vou *casar-me* contigo — declarou, com firmeza. — Não tens ideia do que posso perder se esse arranjo se desfizer. Não terias sequer como imaginar. Por isso, poupa-me às tuas lágrimas. Não me confundas com o teu rei melancólico, porque vais sair dececionada.

Como que para lhe desobedecer, as lágrimas marejaram a visão de Alizeh, desfocando as estrelas atrás dele e transformando os traços fortes do seu rosto num borrão. A magnitude daquele horror iminente era cada vez mais palpável, e Alizeh ficou surpreendida com a intensidade do seu receio. Então, uma lágrima desceu-lhe pelo rosto, com Cyrus a acompanhá-la, e ela limpou-a antes que o sal lhe tocasse os lábios. O gesto abrupto pareceu sobressaltá-lo.

— Odeio-te — sussurrou ela, com a voz embargada. — Odeio-te do fundo do coração.

Cyrus continuou a encará-la durante aquilo que lhe pareceu uma eternidade, depois desviou o olhar sem dizer nada.

Alizeh deu-se conta do leve tremor na sua respiração quando ele por fim expirou, assim como da hesitação dos seus dedos ao tocarem a aba do chapéu, e não sentiu que devesse acrescentar nada.

Ela não sentiria compaixão pelo inimigo.

Mas, então... à distância...

Alizeh susteve a respiração.

— Prepara-te — avisou Cyrus, num tom mais suave do que o esperado. — Pode ser um bocadinho devastador quando a vemos pela primeira vez.

Ela endireitou-se no lugar, esfregando os olhos.

— Vemos? — perguntou. — O que estamos a ver?

— Tulan.



COM UM BEIJO ARDENTE, OS MUROS ENTRE
ALIZEH E KAMRAN DESMORONAM-SE,
ASSIM COMO AS SUAS VIDAS.

Alizeh, a rainha perdida dos Jinn, está destinada a libertar o seu povo do domínio de Ardunia. Quando **Kamran**, herdeiro do trono de Ardunia, se apaixona por ela, é forçado a questionar tudo.

Agora, com o seu destino nas mãos de **Cyrus**, governante do reino de Tulan, Alizeh vê o seu coração dividido entre dois reis.

UMA INESQUECÍVEL HISTÓRIA
DE AMOR, CONSPIRAÇÃO E LUTA PELA
SOBREVIVÊNCIA DE UM POVO, INSPIRADA
PELA FASCINANTE MITOLOGIA PERSA.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

🌐 seekthebutterfly.pt
📱 secretsocietypt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-787-221-1



9 789897 872211

